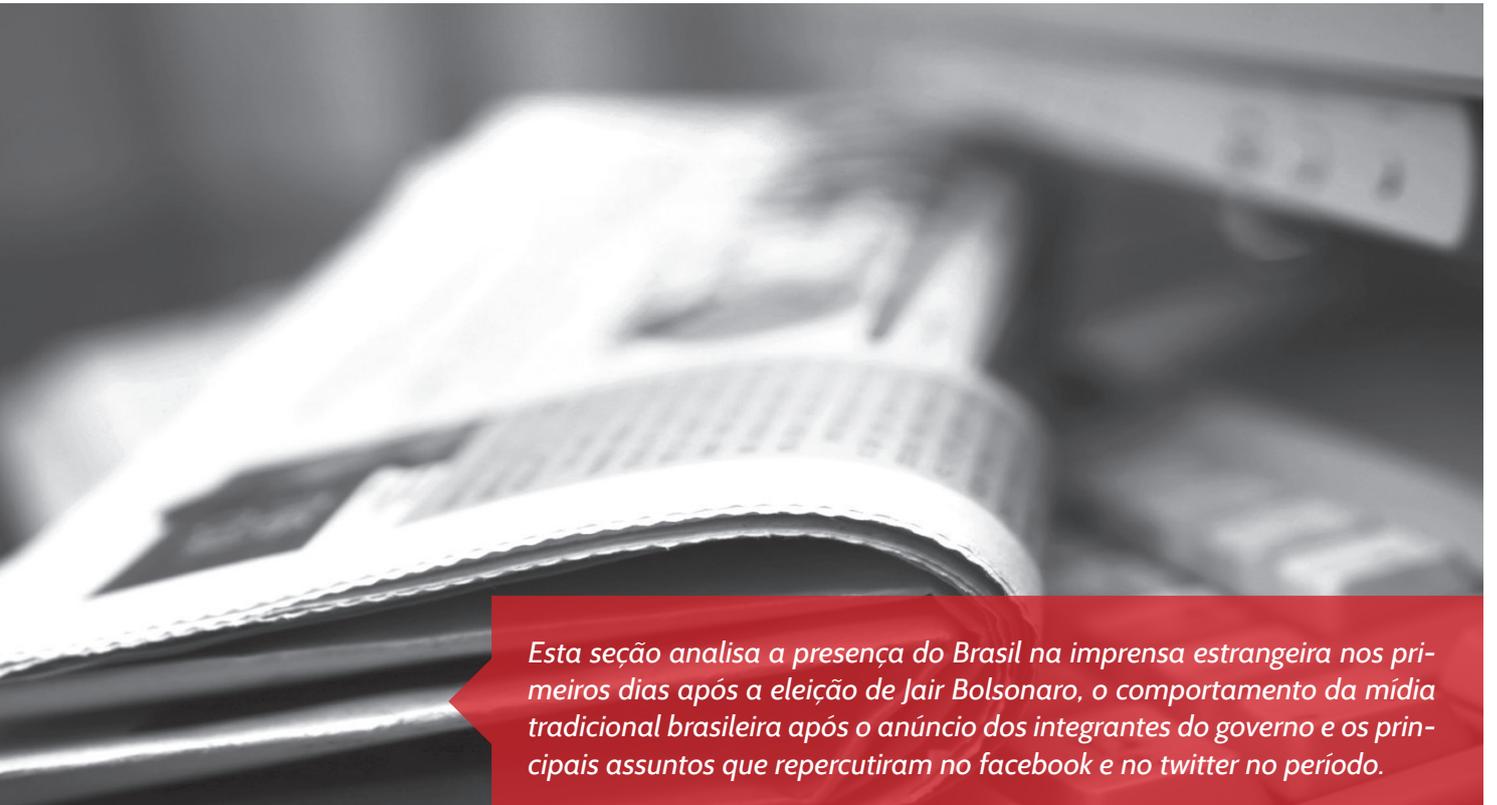


# COMUNICAÇÃO



*Esta seção analisa a presença do Brasil na imprensa estrangeira nos primeiros dias após a eleição de Jair Bolsonaro, o comportamento da mídia tradicional brasileira após o anúncio dos integrantes do governo e os principais assuntos que repercutiram no facebook e no twitter no período.*

## O Brasil na imprensa estrangeira

Durante o mês de novembro o volume de notícias sobre o Brasil nos veículos estrangeiros diminuiu. As reportagens e artigos publicados expuseram incerteza sobre o que vai ser o governo liderado por Jair Bolsonaro. O consenso entre veículos do Oriente ao Ocidente é de que o país sofrerá uma forte guinada à direita, mas ninguém consegue saber exatamente qual caminho será trilhado.

O cientista político brasileiro Maurício Santoro resumiu bem essa incerteza em declaração à rede *Al Jazeera*, do Qatar. Ele afirmou que Bolsonaro “prometeu para seus eleitores uma mudança radical que ele talvez não seja capaz de cumprir”. Com a mesma intenção de demonstrar a falta de clareza sobre o futuro, o jornal *Washington Post* publicou um artigo que desenha três cenários possíveis para o governo de Bolsonaro: um governo inviabilizado, um governo bem-sucedido e um governo travado pela polarização.

Reportagens apontaram que as incertezas pairam sobre diversas áreas, inclusive, sobre as bandeiras mais importantes de Jair Bolsonaro como o comba-

te ao crime organizado. Uma especialista em segurança do Washington Office of Latin America disse ao *New York Times* que a possibilidade de utilizar as Forças Armadas contra o crime organizado é uma medida que já não funcionou no México e em Honduras. Mas não há certeza se Bolsonaro vai tomar esse caminho de fato. Afinal, durante a campanha ele dizia apenas que iria “jogar pesado na segurança”.

Alguns veículos destacaram que a preservação do meio ambiente corre risco com Bolsonaro. A proximidade dele com os ruralistas, as promessas de “reestruturar” órgãos de fiscalização e os ataques feitos às terras indígenas são pontos comuns em diversas publicações. *The Guardian* e *Le Monde* apresentaram as críticas mais contundentes sobre o tema.

Os posicionamentos de Jair Bolsonaro contra “minorias” e os movimentos sociais também causam perplexidade nos periódicos de outras partes do mundo. A possibilidade de criminalização do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto fez com que alguns textos questionassem se a democracia brasileira pode vir a ser abalada pelo próximo governo. Artigos dizem

que entre homo e transexuais existe um grande temor com relação aos retrocessos que podem ocorrer. Nesse sentido, o jornal francês *Le Monde* é um dos mais críticos e sempre se refere a Bolsonaro como misógino, racista e homofóbico.

A política externa é uma das grandes incertezas relacionadas ao próximo governo. Primeiro, porque o próprio Jair Bolsonaro deu declarações que geram conflitos, como as restrições que diz querer impor à China e a mudança da sede da embaixada brasileira em Israel. Os dois fatos foram diluídos no tempo, mas a incerteza ganhou novo impulso em função da indicação do próximo chanceler.

Os jornais de outros países ressaltaram que Ernesto Araújo defende os mesmos posicionamentos ideológicos que Bolsonaro. Publicações feitas em seu blog ganharam destaque, como a tese conspiratória de que o aquecimento global não passa de uma armação para favorecer o crescimento da China, ou ainda as críticas feitas à globalização. Alguns dos periódicos trataram os posicionamentos de Ernesto Araújo com ironia. Entretanto, fica evidente que o mundo está preocupado com a guinada brasileira.

Ainda nas eleições, diferentes veículos se referiram a Bolsonaro como um “Trump tropical”. Nos últimos dias de novembro, o jornal *New York Times* tem publicado reportagens que levantam a possibilidade de uma aproximação maior entre Brasil e Estados Unidos. Um ex-funcionário da Casa Branca, do setor de Política para a América Latina na administração Obama declarou que pode estar próxima uma “era de relações de ouro” entre as duas nações. Difícil é imaginar o quão dourada essa relação seria para o povo brasileiro. A forma semelhante como os dois chefes de Estado se apresentam publicamente é apontada como um fator que pode ajudar na aproximação. No entanto, há quem duvide desse estreitamento. Thomas Shannon, ex-embaixador no Brasil, disse que Trump é capaz de usar a boa relação apenas para atacar os governos da Nicarágua e da Venezuela e perder grandes oportunidades de negócio. Shannon declarou ao *NY Times* que “o governo Trump não age de forma estratégica”.

Um ponto de relação entre os dois governos é o posicionamento de Jair Bolsonaro contrário ao acordo que possibilitou a vinda de médicos cubanos para

o Brasil. O *New York Times* informou que Bolsonaro usou o Twitter para fazer uma publicação em inglês sobre o assunto. As críticas a tudo o que é da esquerda fizeram com que José Miguel Vivanco, diretor-executivo da divisão das Américas da Human Rights Watch, criticasse no *The Guardian* a “tática de guerra fria” de Jair Bolsonaro.

Alvo de muita polêmica, a indicação de Sergio Moro para o Ministério da Justiça e Segurança Pública parece ter gerado dúvidas tanto em jornais como em especialistas estrangeiros. Alguns chegam a dizer que o combate à corrupção pode ter novos capítulos no Brasil, mas para a maioria assumir o cargo não gera uma visão positiva sobre Moro. Matthew Taylor, professor na American University, disse ao *NY Times* que Moro entra na narrativa do PT de que há um complô e de que o Judiciário é partidário.

### Bolsonaro e a imprensa tradicional

É assustador que tantos questionamentos e incertezas sobre o futuro do meio ambiente, da segurança, das relações com outros países e da democracia brasileira sejam levantados por jornais estrangeiros, mas que a imprensa tradicional brasileira ignore a incerteza que o resto do mundo está sentindo com relação ao governo de Jair Bolsonaro. Pior, a imprensa tradicional brasileira não se preocupa com nenhuma dessas questões.

O mais entusiasta do futuro governo entre os principais jornais diários continua a ser *O Estado de S.Paulo*, que, em 22 de novembro, publicou o editorial “Bom sinal”, no qual analisa a escolha dos ministros já anunciados como um indicativo do fim do fisiologismo no Congresso e do presidencialismo de coalizão.

Afirma o texto: “Esse sistema, como se sabe, é consequência do fato de que nenhum partido, nem mesmo o do presidente da República, consegue eleger mais do que 20% do Congresso, obrigando o chefe do Executivo a construir maioria por meio de negociações com os muitos partidos e, não raro, diretamente com deputados e senadores... Não à toa, o candidato à Presidência que defendeu com maior vigor o fim desse sistema político, conforme demandava a maioria dos cidadãos cansados da

roubalheira e da avacalhação do Congresso, acabou vencendo a eleição de outubro”.

O jornal conclui que enquanto perdura o fisiologismo pode ser prejudicada a aprovação da Reforma da Previdência, que seria “inadiável diante do iminente colapso das contas públicas”.

A ameaça à *Folha de S.Paulo* feita por Bolsonaro um dia após eleito parece ter provocado no Grupo Folha um posicionamento crítico em relação aos discursos do futuro presidente e suas repercussões. No dia 18 de novembro, por exemplo, em editorial intitulado “Menos médicos”, o jornal alertou que milhões de brasileiros podem perder a assistência sanitária com a saída dos médicos cubanos do país, decorrente dos pronunciamentos desastrosos do futuro presidente.

“Se o presidente eleito não tivesse atacado o envio de médicos cubanos de modo tão desabrido, antes mesmo da posse, a ditadura castrista não teria pretexto para sua reação intempestiva. Como resultado da picuinha ideológica, milhares, talvez milhões de brasileiros podem perder a assistência sanitária de que tanto necessitam”, afirma o texto.

Contudo, a *Folha* apresentou o programa criado no governo Dilma como uma medida eleitoreira para tapar o buraco do deficiente sistema de saúde brasileiro, aproveitando para atacar também o PT.

### Redes sociais no período pós-eleitoral

Essa análise foi realizada durante dois períodos do mês, de 8 a 14 e de 15 a 21 de novembro. A partir da coleta de menções nas redes sociais online Twitter e Facebook, foi possível elaborar o grafo a seguir, que se divide, essencialmente, entre os agrupamentos de termos positivos e negativos formados por apoiadores e detratores, respectivamente. Entre eles, agrupamentos de tensão se formaram quando

temas bastante polêmicos entraram em disputa por esses dois grupos de usuários.

Após Bolsonaro anunciar os nomes de alguns dos seus ministros, as críticas ao futuro governo foram intensificadas. Ainda assim, apoiadores defendem o presidente eleito e já fazem comparações com as gestões petistas e suas iniciativas.

Durante o primeiro período, o governo de Cuba informou que decidiu sair do programa social Mais Médicos, criado durante a gestão Dilma Rousseff, citando “referências diretas, depreciativas e ameaçadoras” feitas por Bolsonaro à presença dos médicos cubanos no Brasil. O assunto continuou repercutindo no período seguinte.

Na mesma data, o presidente Lula prestou depoimento sobre o sítio de Atibaia. O petista foi ouvido pela juíza federal substituta Gabriela Hardt, no processo que menciona reformas supostamente realizadas pela Odebrecht, Schahin e OAS. Lula deixou claro que não pagou por reformas no sítio porque não era dono da propriedade e afirmou ainda que havia pensado em comprá-lo, mas que o dono do local não quis vendê-lo.

Já no segundo período o tema “governo Bolsonaro” continuou sendo assunto forte. São frequentemente observadas comparações entre os governos Lula e Dilma e as propostas do presidente eleito. A oposição feita pelo PT resulta em ataques aos ex-presidentes e ao partido. O tema “sítio de Atibaia”, por sua vez, foi pouco citado durante esse período.

Ainda repercute a saída de Cuba do programa social Mais Médicos. Bolsonaro e seus apoiadores afirmam que médicos cubanos sofriam exploração e que exigências feitas ao país seriam a favor deles. Já a oposição aponta a falta de médicos esperada após o fim do acordo.



Entre os detratores estão em evidência, durante o primeiro período, os temas governo Bolsonaro, ataque à imprensa, Mais Médicos, gestão petista, PT, governadores, outros petistas, política internacional, Gleisi, Lula, Bolsonaro, deputados federais, Judiciário, movimentos sociais e senadores; já na segundo período destacam-se PT, Judiciário, gestão petista, governo Bolsonaro, política internacional, economia, governadores, operação PF e Dilma.

Entre os temas positivos, destacam-se PT, Mais Médicos, governo Temer e governo Bolsonaro, sendo este último disputado entre apoiadores e detratores.

O tema governo Bolsonaro foi fortemente dividido

entre detratores e apoiadores no primeiro período. Isso aconteceu porque o presidente eleito falou sobre medidas que pretende adotar em sua gestão, além de já ter anunciado nomes de futuros ministros.

Já no segundo período os temas governo Bolsonaro e Mais Médicos foram os mais discutidos e também os mais disputados entre apoiadores e detratores. Os dois estão ligados entre si pela relação direta entre o novo governo de Jair Bolsonaro e a saída dos médicos cubanos do programa. Gestão petista também apresenta ligação com os temas, pela comparação entre os governos de Lula e Dilma com o que se espera de Bolsonaro, além de o programa Mais Médicos ter sido criado na gestão Dilma.